

Performances em um movimento juvenil: uma etnografia sobre a mulher no hip hop de Campina Grande-PB*

Autora: Mércia Ferreira de Lima-UFCG/PB

Co-autor: Vanderlan Francisco da Silva-UFCG/PB

Palavras-chave: Mulher; hip hop; juventude.

O artigo faz uma análise de como as mulheres estão inseridas no hip hop da cidade de Campina Grande. Ele é fruto de uma pesquisa feita durante o mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande UFCG durante o ano de 2014 a 2016.

Campina Grande está localizada no interior do estado da Paraíba, na parte oriental do Planalto da Borborema. Segundo a estimativa do IBGE, no ano de 2015, a população da cidade era 405. 072 habitantes. O município é considerado um dos pólos industriais da região Nordeste, o que faz com que a cidade atraia pessoas de diferentes regiões do país. Isso se reflete nos movimentos culturais que a cidade oferece. Também é reconhecida nacionalmente por sediar o “Maior São do Mundo”, festa que atrai turistas de várias partes do país durante o mês de junho.

Pensando sobre os diferentes grupos que compõe o movimento artístico-cultural da cidade, o artigo mostra como se dá a participação feminina em um movimento juvenil como o hip hop, movimento esse que surge nos guetos dos grandes centros urbanos e se espalha para cidades de médio porte como a cidade de Campina Grande. Nesse sentido, para pensarmos a participação feminina dentro desse processo de legitimação desde seu surgimento até os dias atuais.

O hip hop é um tema que proporciona um leque de problemáticas e vem sendo objeto de estudo com diferentes abordagens por diversos pesquisadores. No mundo da publicidade, o hip hop também ganha proporções, porém isso é muitas vezes visto de maneira negativa, mas de acordo com alguns membros do hip hop, a verdadeira essência do hip hop é fazer uma denúncia do sistema em que eles estão inseridos. Existe também uma associação

Tendo em vista essas diferentes abordagens sobre o hip hop, a pesquisa parte de um recorte de gênero, mostrando como as mulheres do hip hop de Campina Grande se identificam, tanto como forma de lazer e sociabilidade como instrumento de contestação e de resistência por meio dos elementos do hip hop que são: break, rap, Dj e o grafite.

* Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

Alguns estudos vão apontar a juventude inserida no meio urbano de forma generalizada, não fazendo distinção de classe, raça e gênero. Para se entender com se dá o lugar feminino em uma cultura juvenil como o hip hop, é necessário que se faça uma análise de quais são os tipos de jovens que estão dentro desse movimento.

Para a construção da pesquisa foi necessário fazer um mapeamento dos principais lugares que os jovens do hip hop frequentam. As metodologias utilizadas no trabalho é a etnografia, entrevistas semiestruturadas, análise de letras de raps e de grafites e pichações existentes nas ruas de Campina Grande. A etnografia foi o principal método escolhido, pois acredito que foi a melhor forma para as interpretações sobre o objeto de estudo. Através dela pude perceber as dinâmicas que são construídas nas redes de relações entre os membros do hip hop de Campina Grande e outros participantes de cidades circunvizinhas. Também os registros no diário de campo. Esses registros não era só uma forma de relatar o campo, mas uma forma de expor as alegrias, frustrações, enfim os mais variados sentimentos que o campo me proporcionou.

Acredito que a escolha da etnografia ajudou na análise dos resultados da pesquisa. Por mais que seja um trabalho que, em muitas vezes, se torna solitário ao ir a campo, a pesquisadora é, no caso desta pesquisa, apenas um observadora dos fatos que estão acontecendo e não deve achar que é o grande detentor do conhecimento, pois ele também é objeto de investigação dos seus pesquisados, ele está sendo a todo o momento testado.

Para que possamos entender o papel da mulher dentro do hip hop de Campina Grande, o artigo se estrutura em dois tópicos, além das considerações a cerca do resultado da pesquisa. No primeiro tópico é mostrado através de uma análise histórica do hip hop, como ele chega até a cidade de Campina Grande. Também é feito uma análise de gênero mostrando como a identidade feminina é construída dentro do hip hop. Partindo da problematização ausência feminina, de forma direta, com todos os elementos do hip hop, no segundo tópico será apresentada a representação feminina dentro do grafite e da pichação, assim como a forma como ela é representada.

Construção da identidade feminina dentro do hip hop

Desde seu processo de legitimação, o hip hop se configura como um grupo juvenil onde as identidades passam por um processo constante de modificações e incorporações de

elementos regionais. Como salienta alguns membros do hip hop, o verdadeiro movimento é aquele que fala de sua quebrada¹, é uma forma de fazer denúncias sociais através da arte. É muito comum, os rappers ter como característica no mundo artístico não cantar rap's que não sejam seus, o mesmo pode ser visto no break onde cada b. boy ou b. girl, praticantes do break têm seus próprios passos. O que pode acontecer são incorporações de outros movimentos, mas o que prevalece é o estilo próprio, ou como muitos denominam de *freestyle*, estilo livre.

Para que possamos entender como o hip hop chega até a cidade de Campina Grande e de como ele ganha essas características regionais, faço um breve histórico de como esse movimento surge e em que cenário ele teve seu maior destaque e chega até a cidade de Campina Grande.

O hip hop é um movimento juvenil que tem como objetivo dá notoriedade aos jovens que estão à mercê de uma classe social que se sobrepõem, e que não tem uma assistência necessária por parte dos governantes. Isso faz com que muitos jovens reivindiquem seus direitos através das artes propostas pelo movimento hip hop.

O hip hop surge nos anos de 1970, nos guetos da cidade de Nova York e tem como um de seus principais idealizadores Afrika Bambaataa², reconhecido como padrinho do hip hop e um dos primeiros a utilizar essa nomenclatura. Os quatro pilares que formam o movimento hip hop são o break dance, rap, Dj e o grafite. De acordo com alguns membros do movimento, existe um quinto elemento o qual os hip hoppers denominam de consciência politizadora. Segundo Bambaata, o objetivo do movimento hip hop era de diminuir a criminalidade dos jovens das ruas e promover ideais pacifistas em que a autoafirmação da identidade negra fosse destacada. Vale salientar que os elementos do movimento hip hop antes de Bambaataa juntar todos na nomenclatura hip hop, aconteciam de forma independentes, sem que houvesse uma sincronia entre ambos, até o momento que foi denominado de hip hop. Formando a Universal Zulu Nation, uma organização não governamental que além de reunir todos os elementos que hoje é denominado de hip hop, também promovia palestras com outros temas diversos.

Com o processo de globalização, o hip hop chega até a cidade de São Paulo e tem como grande destaque, o break. O ponto de encontro desses adeptos do hip hop, especificamente, do break era a Estação São Bento, localizada no centro da cidade. Trazendo o debate sobre gênero com sua chegada ao Brasil, de acordo com a pesquisa bibliográfica, desde essa época

¹ (...) ser de uma quebrada é algo que torna esses jovens iguais, é algo que os une (...) quebrada evoca uma identificação com o espaço da periferia ou com a ideia que esses jovens fazem do que seja esse espaço. (PEREIRA, 2007, p. 242).

² Primeiro a utilizar o termo hip hop. Nasceu e Viveu no Bronx, bairro de Nova York. Ele se utilizava de sons já existentes para criar rap's.

já se podia encontrar mulheres inseridas dentro do hip hop brasileiro. De acordo com Lima (2005), a presença feminina é marcada desde o início do surgimento do hip hop no Brasil, principalmente em São Paulo. Na época em que os rappers se reuniam na Estação São Bento para dançarem break e conversarem, não utilizavam sons portáteis. Os b. boys. Entre os rappers que se reuniam, na época, também tinha a presença de Sharylaine que juntamente com os seus colegas batia lata.

De acordo com a literatura sobre o hip hop de Campina Grande, não existe uma data fixa que marque o surgimento do hip hop em Campina Grande. Mas, de acordo com os interlocutores durante a pesquisa do mestrado, houve uma institucionalização do movimento no ano de 2007 com o surgimento do Núcleo de Hip Hop Campina- NH2C. Isso vai fazer com que o movimento se torne institucionalizado, fazendo com que ganhe novos olhares dentro da cidade. De acordo com Arruda (2012), a organização do NH2C faz parecer que houve dois momentos do movimento hip hop de Campina Grande, sendo uma anterior a 2007 e outro posterior. A criação do NH2C tinha como principal objetivo reunir militantes do movimento hip hop que até então estavam realizando as práticas culturais de forma isolada e sem certa consciência política sobre a essência do que seria de fato o hip hop. (ARRUDA, 2012, p. 98).

Outro fato marcante que faz com que o movimento ganhe maior destaque foi o *I Encontro de Rap e Repente*³ promovido pelo Governo do Estado no ano de 2007. O evento fez com que o hip hop de Campina Grande ganhasse destaque não só dentro da cidade, como também nacionalmente, pois trouxe artistas de renome nacional.

Sabendo que os elementos do hip hop em seu processo de legitimação não se organizavam sincronicamente, o que se percebe é que o grafite pode ser considerado um dos elementos que primeiro se destacou na cidade, até mesmo por ter uma maior visibilidade nos muros das ruas de Campina Grande. Mesmo tendo os outros elementos acontecendo dentro da cidade, o grafite tornar-se mais visível por está em lugares públicos e, geralmente, no centro. Isso faz com que as pessoas ao passar pelas ruas do centro tivessem uma maior percepção do que estão nos muros da cidade.

Segundo a dissertação *Se essa rua fosse minha, eu mandava grafitar!!!”A construção discursiva do grafite de muro em Campina Grande – PB* de Angelina Maria Luna Duarte Tavares um dos primeiros grafiteiros de Campina Grande foi GORPO. De acordo com o relato do grafiteiro feito para a pesquisadora, os primeiros grafites na cidade datam do ano de

³ O “Rap e Repente” foi realizado pelo governo do Estado em parceria com o MINC. O evento contou com a presença de grandes nomes da cena cultural como o ministro da cultura Gilberto Gil, Nelson Triunfo, Nino Brow, Emicida, Gog, entre outros grupos de renome nacional. (ARRUDA, 2012, p. 85)

1998. Os outros elementos podiam já está surgindo na cidade, no entanto não tinham visibilidade pela sociedade assim como o grafite.

Vale salientar que essa notoriedade é por parte das pessoas que passam na rua, tendo em vista que o grafite é mais visível diante dos outros elementos do hip hop. Mas sabendo que o break, foi um dos primeiros elementos a surgir no Brasil, há uma possibilidade de ter seus primeiros adeptos na mesma época em que surgiu o grafite. No entanto esses elementos do hip hop não eram realizados em uma mesma sincronia espacial e temporal. Com a eclosão do rap nos anos de 1990, segundo um dos participantes do movimento hip hop em Campina Grande o rap também chega nessa mesma época na cidade.

Após fazer essa linha cronológica do surgimento do hip hop até sua chegada à cidade de Campina Grande, é necessário situar os atores sociais que compõem a cena hip hop da cidade. Levando em consideração como a mulher estar inserida nesse movimento.

Desde seu processo de legitimação o que podemos perceber é que a mulher sempre esteve presente, mas o que se pode perceber é que existe uma limitação da presença da mulher dentro do movimento hip hop, isso é percebido não só dentro lócus da pesquisa, mas de uma forma geral.

Para entendermos o papel da mulher dentro do hip hop, ele deve ser analisado histórica e contextualmente, pois assim como em outros segmentos da sociedade, a mulher ainda não tem o mesmo protagonismo que o homem dentro da sociedade, mesmo tendo lutas constantes por parte do movimento feminista. Tendo em vista que a sociedade em que vivemos segue um modelo patriarcal em que os espaços públicos têm como seus principais protagonistas o público masculino. Dentro do lócus de pesquisa, também se notou essa presença feminina, mesmo não existindo um protagonismo, mas sua presença está marcada como esposas, irmãs, namoradas.

Segundo Bourdieu (1999) em *A Dominação Masculina*, onde ele propõe que os corpos são construídos como realidade sexuada e totalizante. A ordem social impõe a dominação masculina, isso fica nítido na divisão sexual do trabalho. A estrutura social induz quais são as atividades masculinas e o que são as atividades femininas. Essas argumentações são baseadas, de acordo com o determinismo biológico. No entanto, por mais naturais que possam ser as características dos órgãos sexuais, há uma construção social e cultural sobre esses órgãos, são definidos “naturalmente” a custa de uma série de escolhas orientadas. Nesse sentido, os espaços públicos são delimitados para a mulher. Sabendo que essas divisões de espaços e comportamentos que ditam o que é feito para homem e o que é feito para mulher desde a

infância, as crianças são treinadas desde cedo a ter maneiras de agir, isso vai ser influenciado em sua vida adulta

Apesar de muitos hip hoppers afirmarem que dentro do movimento não exista machismo ou dizer que é apenas um reflexo do que acontece dentro da sociedade, de forma geral, muitas mulheres que usam o hip hop com instrumento de reivindicação feminina, elas afirmam esse machismo existente dentro do movimento.

O que podemos perceber é que muitas dessas mulheres são levadas a conhecer o movimento através de um homem. No *locus* de pesquisa isso fica nítido essas marcas da entrada da mulher no hip hop.

As mulheres que têm uma participação direta dentro do hip hop são brancas, moram em bairros da cidade que têm uma maior aceitação por parte da sociedade e tiveram ou têm acesso ao curso universitário. As mulheres que estão envolvidas de forma indireta não têm esse mesmo perfil. São moradores dos bairros marginalizados na cidade e não tiveram acesso a um curso universitário.

Trazendo a discussão sobre a participação de mulheres em culturais juvenis, em destaque o hip hop, o papel da mulher dentro do movimento é uma representação de como a mulher se insere na sociedade, de uma maneira geral. É um espaço de constante resistência e conquistas. Se para se consolidar no movimento como sendo jovem e negro, é um processo de luta, para a mulher é ainda mais complicado. Mesmo sabendo que a mulher esteve presente dentro do hip hop desde seus primórdios, porém de maneira indireta, atualmente novos grupos de mulheres estão se organizando cada vez mais.

Dentro da análise a nível nacional através da dissertação de Mariana Semião Lima, intitulada *Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap*, a autora faz uma abordagem sobre o surgimento da mulher no hip hop do Brasil. Segundo Semião, quando o rappers de São Paulo se reuniam para dançar break na Estação São Bento, por falta de dinheiro para comprar equipamentos de som, esses b. boys faziam o improviso do som batendo latas de lixo. Naquela época já tinha uma presença de uma mulher entre eles, a Sharylaine, considerada uma das mulheres pioneiras dentro do hip hop. (Lima, 2014, p.21). Sharylaine é uma das primeiras mulheres a ganhar visibilidade dentro do hip hop brasileiro. O que se percebe é que cada vez mais estão se formando grupos de hip hop formados apenas por mulheres que promovem um debate feminista a partir dos elementos do hip hop.

Com a pesquisa fui percebendo que existe um ocultamento de algumas mulheres que muitas vezes não se denominam do hip hop, mas de alguma forma estão engajadas com alguns dos elementos do hip hop.

Ao falar da minha pesquisa para alguém, era muito comum as pessoas mencionarem duas meninas que têm esse reconhecimento tanto dentro de Campina Grande como em cidades circunvizinhas. O que me fazia muitas vezes a ser questionada se realmente tinha mulheres do hip hop aqui em Campina Grande. Com o decorrer da pesquisa fui percebendo que existem outras meninas que também praticam as artes propostas pelo hip hop, no entanto não tem uma visibilidade.

Weller (2006) levanta uma hipótese de que a invisibilidade feminina dentro das culturas juvenis pode estar ligada a ausência de mulheres desenvolvendo pesquisa com esse público. Essa hipótese também foi uma inquietação durante a pesquisa, pois era paradoxal um movimento que traz o debate sobre desigualdade social, exercer um machismo.

A invisibilidade feminina de estudos sobre a participação feminina nas culturas juvenis no campo de estudos sobre a juventude não estaria associada a essa noção de cultura juvenil como forma de protesto e resistência, ou seja, a essa concepção utilitarista de ação. Quando vistas de forma superficial e estereotipada, algumas culturas juvenis femininas parecem não demonstrar uma atitude de protesto ou resistência as desigualdades étnicas e de classe. (WELLER, 2006, p.111).

Para que possamos pensar sobre esse reconhecimento e a construção da identidade feminina no hip hop, trago o discurso de Fraser (2007) onde a autora traz o debate sobre reconhecimento e redistribuição. Segundo Fraser, ambas tem que caminhar juntas. A distribuição pertence à moralidade enquanto o reconhecimento pertence à ética cultural. A autora argumenta que o reconhecimento está relacionado ao status social, enquanto a identidade aproxima-se muito de modelos repressivos de comunitarismo. “o que exige reconhecimento não é a identidade específica de um grupo, mas a condição dos membros do grupo como parceiros integrais na interação social” (FRASER, 2007, p. 107). A autora se opõe a dois autores Taylor e Honnet. Segundo esses autores citados por Fraser, o reconhecimento é uma questão de ética. Para Fraser o reconhecimento é uma questão de justiça.

As identidades de grupo e de indivíduos são pontos a serem discutidas e que acabam sendo enigmáticas. As identidades devem ser pensadas como processos políticos e sociais (SCOTT, 2005). A identidade é acionada, dependendo das circunstâncias em que o sujeito se encontra. É interessante pensar como a identidade feminina de constrói dentro do hip hop, pois o que se nota é que além dessas reivindicações sociais, existem reivindicações enquanto mulheres.

Ainda pensando como essas identidades são construídas desde a infância, Bourdieu (1999) em *A Dominação Masculina*, propõe que os corpos são construídos como realidade sexuada e totalizante. A ordem social impõe a dominação masculina, isso fica nítido na divisão sexual do trabalho. A estrutura social induz quais são as atividades masculinas e o que são as atividades femininas. Essas argumentações são baseadas, de acordo com o determinismo biológico. No entanto, por mais naturais que possam ser as características dos órgãos sexuais, há uma construção social e cultural sobre esses órgãos, são definidos “naturalmente” a custa de uma série de escolhas orientadas.

A identidade feminina dentro de culturas-juvenis como o hip hop passa por mudanças constantes, não só pelo fato de ser mulher, como também por ser um movimento que coloca temas de atores sociais que vivem em uma condição de subordinação.

Em sua obra *Sexo e Temperamento*, Margarith Mead mostra através do resultado de sua pesquisa com os Arapesh, Mundugumor e os Tchambuli que a cultura é responsável por moldar a personalidade do indivíduo. Através dos relatos desses povos, descrito por Mead, percebe-se como esses povos “primitivos” agrupam suas atitudes sociais em relação ao temperamento em torno dos fatos realmente evidentes das diferenças sociais. Mead põe em questão nessa obra como a padronização dos comportamentos sexuais é tida como naturalizados e que são meras variações do temperamento dos seres humanos. Através das análises de Mead e Bourdieu, percebe-se as construções sociais do que é ser mulher.

Pensando sobre os lugares em que os jovens do hip hop se encontram, durante a pesquisa pude perceber que existem determinados pontos que são escolhidos pelos jovens para a prática dos elementos do hip hop. O que se notou é que o centro da cidade é o melhor lugar para que esses jovens se encontrem, é onde acontece a sociabilidades. Além de uma aceitação por parte da sociedade onde esses jovens podem ou não frequentar, também é estratégico para que eles ganhem maior visibilidade. Esses locais no centro de Campina Grande pode ser configurado como um *circuito*, de acordo com Magnani.

(...) trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou uma oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos seus usuários habituais. A noção de *circuito* também designa um uso de espaços e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos – porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade, como ocorre na *mancha* ou no *pedaço*. (MAGNANI, 2007, p. 21).

Acredito que a categoria desenvolvida por Magnani, fica visível com o que acontece com os jovens do hip hop de Campina Grande.

Os lugares quem forma esse *circuito* e são mais frequentados pelos hip hoppers de Campina Grande são o Parque da Criança, Teatro Municipal, Açude Novo, praças do centro da cidade. Mas vale salientar que a periferia também tem um cenário para a prática do hip hop, no entanto a prática no centro dá uma maior visibilidade ao movimento.

Entre os lugares que formam o *circuito* feito pelos jovens do hip hop, o Parque da Criança é considerado o “berço” do hip hop da cidade. O espaço tem características de uma área onde se pratica o lazer, mas apesar de ser um lugar público existe uma segregação social, tendo assim lugares delimitados para um certo público. O ponto mais escolhido pelos jovens é o lugar que denominei de “coreto”, ele fica ao lado de uma pista de skate, isso faz com que haja uma aproximação dos jovens que têm prática urbana. Para que se possa desenvolver bem os passos do break, é necessário um piso liso, daí umas das escolhas dos jovens por esse local, pois ele proporciona os melhores passos para a prática do break. No entanto é um espaço que tem como seus principais usuários o público masculino, existe uma participação mínima de mulheres.

O uso do espaço do teatro deve ser destacado, pois também acontecem ensaios de um grupo. Os ensaios sempre ocorrem duas vezes por semana nas segundas-feiras e sextas-feiras. Eles têm uma boa aceitação por parte da administração do teatro isso também lhes proporciona uma aceitação também dentro da cidade de uma forma geral.

O Açude Novo também é de grande relevância para a prática do hip hop, mas é necessário ressaltar que só acontecem apresentações de hip hop nos movimentos de ocupação, o Ocupa Açude⁴.

Os espaços frequentados pelas mulheres são bem significativos, nota-se que são espaços controlados pelos homens. O espaço que os b. boys usam para a prática do break é mais utilizado pelos homens. Sempre frequentando o Parque da Criança, era notório como a mulher não tem a mesma igualdade.

O papel da mulher dentro do movimento é uma representação de como a mulher se insere na sociedade de uma maneira geral. É um espaço de constante resistência e conquistas. Se para se consolidar no movimento como sendo jovem e negro, é um processo de luta, para a mulher é ainda mais complicado.

⁴ O Ocupa Açude é uma iniciativa de revitalizar uma área no centro de Campina Grande que até então estar sendo esquecida, o Açude Novo que fica localizado próximo o terminal de integração de ônibus. Até final da pesquisa, houve três movimentos de ocupação.

Performance feminina dentro do grafite e do break

Sabendo que o hip hop é constituído por quatro elementos (break, Mc, Rap e Dj), durante o processo de pesquisa, notou-se uma maior participação direta das mulheres em dois dos elementos, o break e o grafite. As mulheres que estão inseridas dentro desses dois elementos têm uma maior visibilidade dentro da cidade. Isso não significa que não exista um envolvimento dentro dos outros elementos do hip hop. Levando em consideração que o hip hop é um movimento de reivindicação social, também existe um envolvimento das mulheres no quinto elemento, o qual se configura como o elemento politizador, assim denominado pelos hip hoppers.

Partindo da percepção sobre o grafite, no decorrer da pesquisa, o grafite foi um dos elementos que mais causou inquietação, pois ele ganha uma maior notoriedade nos muros da cidade. Mesmo não sendo reproduzidos, na maioria das vezes por mulheres, mas existe uma representação da mulher nos grafites que aparecem nos muros da cidade.

Assim como o grafite, a pichação é algo que se torna mais visível para a sociedade, por estar na maioria das vezes em lugares em que passa mais gente, seja nos ônibus, a pé ou em seus veículos particulares. Nesse sentido, ele acaba ganhando diferentes interpretações, tanto negativos como positivos, cabe salientar que é mais destacado como algo ofensivo para a cidade.

Sabendo que o grafite e a pichação são vertentes de uma cultura juvenil e de rua, existem diferentes opiniões em se tratando da diferença entre ambas. Isso pode ser percebido não só entre os teóricos que se propõem estudar esses dois fenômenos urbanos, como também entre eles (as), grafiteiros (as) e pichadores (as). O discurso do senso comum e por alguns meios de comunicação é de que o grafite é arte, enquanto a pichação é um ato de vandalismo que confronta a ordem pública.

Para Duarte (2010) a pichação e o grafite revelam muito das relações contraditórias efetivadas na sociedade contemporânea. Isso também é refletido nos espaços de poder e de como a mulher desempenha seu papel dentro dessas relações.

Para pensarmos quais são os discursos sobre o grafite e a pichação, trago a análise sobre o discurso de Foucault para que possamos entender como é construída toda uma narrativa sobre o grafite e a pichação e de como não existe uma verdade sobre as representações do grafite e da pichação.

Suponho, mas sem ter muita certeza, que não há sociedade onde não exista, narrativas maiores que se contam, se repetem e se

fazem variar; formulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que narram, conforme circunstâncias bem determinadas; cosas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza. (FOUCAULT, 2014, p. 21)

De acordo com o pensamento de Foucault em *A ordem do discurso*, existe todo um controle sobre o discurso do que se pode e não se deve ser exposto em público. Nesse sentido, não só o discurso de forma falada, mas também diferentes formas como ele é utilizado. O grafite é uma representação muito forte do discurso propagado pelo hip hop. Por ser um dos elementos que mais ganha notoriedade no espaço urbano. De acordo com os adeptos e adeptas do grafite e da pichação, só existe uma distinção entre ambos apenas no Brasil, em outros países eles são todos considerados grafites.

No decorrer da pesquisa foram surgindo alguns questionamentos sobre a representação da mulher no grafite e de quem são os reprodutores dessa arte. Não só o grafite como também a pichação me fizeram repensar qual o papel da mulher dentro de uma cultura juvenil como o hip hop. Desde o surgimento do hip hop, de sua institucionalização enquanto um movimento político de reivindicação o grafite passou a compor os elementos que são fundamentais dentro da ideologia do hip hop. Essas pinturas já existiam, com a junção com os elementos, passou a ser uma ferramenta de reivindicação política.

Pensando a mulher dentro dessas duas manifestações artísticas, percebe-se que a pichação por ganhar características ainda mais negativas em relação ao grafite, ser pichadora é desafiador. Na maioria das vezes as pichações são praticadas no período da madrugada, quando não tem ninguém nas ruas nos chamados rolês. Comparando-se com o grafite que ganhou uma aceitação maior na sociedade, eles são feitos à luz do dia, sendo assim contemplado por um público.

Assim como já ressaltado, a mulher de uma forma geral é uma minoria dentro do hip hop e isso, claro, é refletido dentro do grafite. Tendo essa minoria como reprodutoras, pode observar através de alguns grafites que a imagem da mulher aparece em alguns desses grafites espalhados pelas ruas da cidade.

Em se tratando do break, ele ganha uma maior participação das mulheres nesse na cidade de Campina Grande. Em entrevista com b. girls⁵ alguns afirmam que foram levadas para a dança através de um homem, seja irmão, namorado, amigo. Mas é importante ressaltar que durante a pesquisa uma das entrevistadas conta que fez o processo inverso. Ela ressalta na

⁵ Mulheres que dançam break.

entrevista que ela quem levou seu irmão para o mundo da dança. De acordo com a entrevistada, sua mãe saía para trabalhar e seus irmãos não podiam ficar sozinhos em casa, a solução era levá-los para os ensaios. O grupo ao qual a b. girl faz parte já passou por algumas formações desde seu surgimento e atualmente é formado por homens e mulheres. Mas o que se percebe é que a grande liderança do grupo é uma mulher.

Nesse sentido, é necessário pensarmos as diferentes formas que levaram essas meninas para o hip hop. Cabe também analisar como elas desempenham seus papéis enquanto mulher, após a entrada no hip hop.



Roda improvisada de break durante o 3ª Ocupa Açude. São 16 pessoas na roda, 3 mulheres e 13 homens.
Fotografia: Mércia Lima

Considerações Finais

Um tema tão amplo como o hip hop pode ser observado por diferentes perspectivas. O recorte de gênero me ajudou identificar como a mulher exerce um papel nesse movimento. Apesar de todas as limitações e conflitos com a escolha do objeto, com o passar da pesquisa foi delineando qual seria meu principal objetivo e fui percebendo que existem mulheres no movimento hip hop de Campina Grande, no entanto, muitas dessas mulheres não têm uma visibilidade considerável. Nem todas exercem um papel de protagonismo, porém elas são essenciais para a composição da cena hip hop local. Elas estão presentes como esposas, mães, no público.

Ao final da pesquisa, foi levantado algumas hipóteses que mostram o não-protagonismo da mulher dentro do hip hop de Campina Grande. O que se pode observar com a pesquisa e com a literatura estudada sobre o tema, é que esse não-protagonismo não só acontece dentro do hip hop local, mas é algo que acontece no movimento de forma geral. É bastante significativo como esses espaços são controlados pelos homens, ao interrogá-los por que não tinha mulheres dentro do hip hop de Campina Grande, a resposta era sempre relacionado que não tinha porque as mulheres não se interessavam pelo hip hop. Mas é notório que muitas dessas mulheres não estão presentes por não ganharem uma abertura para sua participação e que para que elas possam está presentes tem que existir uma permissão masculina.

Para poder entender quais são os lugares da mulher em um movimento cultural e juvenil como o tema aqui trabalhado, durante a pesquisa tive contato não só com mulheres que exercem um papel dentro do hip hop, mas pude também ter contato com homens que estão no hip hop seja como um movimento político ou apenas como um envolvimento artístico-cultural na cidade, nesse sentido é necessário entender a mulher em relação ao homem.

A representação da mulher no grafite deve ser considerada bastante relevante, mesmo não tendo um número suficiente de mulheres que produzam o grafite e a pichação dentro da cidade de Campina Grande, ela aparece constantemente como sendo personagem das artes propagadas nos muros da cidade, sejam elas como símbolos religiosos ou reivindicação de gênero.

O que chega a ser revelador dentro do hip hop, e isso pode ser não só no *locus* de pesquisa, mas de uma maneira geral, que é um movimento que faz denuncia da marginalidade que a população de uma periferia sofre, mas exerce um machismo que é, muitas vezes, justificado pelos membros do hip hop como sendo um reflexo da sociedade.

Outro ponto que merece destaque e que se identificou durante o processo de pesquisa é que não existe uma preocupação de forma integral por parte da mulher de está no hip hop como uma forma de instrumento de reivindicação social e racial, muitas estão presentes apenas como um lazer.

O centro da cidade se constitui como um lugar de encontro dos adeptos do movimento hip hop, no entanto não se deve descartar a periferia como sendo o lugar onde são produzidos os elementos do hip hop e posteriormente sendo levado a outras localidades. Outro ponto observado no movimento hip hop de Campina Grande é de que o grafite é o elemento que tem uma maior visibilidade, isso se deve ao fato de que ele é fixo na cena urbana, mesmo tendo cada grafite uma característica efêmera.

Referências

ARRUDA, Thayrony Araújo. **A construção identitária a partir da ação política dos sujeitos**: o caso do movimento hip-hop na cidade de Campina Grande. Campina Grande, 2012. 136f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. (Trad.) Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

DUARTE, Angelina Maria Luna Tavares. **Rompendo os muros do grafite e da pichação**: uma análise etnográfica-discursiva da sociedade secreta dos grafiteiros/as e pichadores/ras na cidade de Campina Grande-PB. João Pessoa, 2010. 237f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba, 2010.

FRASER, Nancy. **Reconhecimento sem ética?** In: Lua Nova, São Paulo, 70. 101- 138.

FOUCOULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. (Trad.) Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MAGNANI, José Guilherme. **Introdução**: circuitos de jovens. In: MAGNANI, José Guilherme C. In: Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. (Org.) SOUZA, Bruna Matense. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. Trad. Rosa Krausz. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SCOTT, Joan W. **O enigma da igualdade**. In: Estudos Feministas. Florianópolis, 13 (1): 2016, janeiro/abril/2005. P. 11-30

WELLER, Wivian. **A invisibilidade feminina nas (sub)culturas**. In: COSTA, Márcia Regina, SILVA, Elizabeth Murilho (Org.). Sociabilidade juvenil e cultura urbana. São Paulo: PUCSP 2006. pp. 111-149.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Pichando a cidade**: apropriações impróprias do espaço urbano. In: Jovens na metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidades. Org(s): MAGNANI, José G; SOUZA, Mantese Bruna de. 1 ed. São Paulo. Editora Terceiro Nome, 2007.

Sites:

<http://morandosemgrana.com.br/paraiba-parque-da-crianca-o-maior-de-campina-grande/>. Acesso em: 20 de junho de 2015.

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250400&search=paraiba|campina-grande>. Acesso em: 13 de maio de 2016.